
ESTRUTURA QUADRO: REVISÃO E DESDOBRAMENTOS

por Douglas de Freitas, 2014

A 'Estrutura quadro' é uma série de regras impostas por Marcus Vinícius para a construção e configuração de sua produção. O artista definiu, a partir dos materiais tradicionalmente usados na confecção e nos meios de exibição das obras de arte, o que empregar em seu trabalho, e a maneira que esses elementos devem ou podem atuar.

Estabelecidas as regras, o trabalho do artista é, passo a passo ir encontrando brechas, ver quais novas idéias e possibilidades são admissíveis, dentro dos limites impostos por ele. E é a partir dessas brechas que o trabalho se desdobra. Regras postas, o artista passa a acomodar elementos geométricos de vidro, madeira e ferragens, pintados sempre apenas com as cores disponíveis no mercado, para formar a superfície de suas pinturas.

Assim chegamos em *Estrutura quadro: revisão e desdobramentos*. Na exposição Marcus propõe a revisão de séries anteriores, e desdobramentos, que como recorre em toda sua produção, foram se apontando no fazer dos trabalhos, na busca do melhor acabamento, ou da melhor acomodação dos diversos elementos que compõe o trabalho.

Nesses desdobramentos, o artista chegou a um novo material, o alumínio, que se nos preocuparmos em seguir as regras da 'estrutura quadro', entra como elemento da moldura. A partir desse novo material todas as regras se repetem, a novidade é que em alguns trabalhos o alumínio se apresenta sem revestimento de tinta, ele é apresentado com suas características plásticas. Os trabalhos em si, são molduras-caixas de alumínio, onde a primeira camada é o vidro de proteção, e o fundo é também alumínio. No curto espaço entre o fundo e o vidro, de aproximadamente 1 cm, é que tudo acontece. As laterais internas das molduras recebem delicados recortes geométricos coloridos. A construção da pintura, neste caso, não se apresenta na superfície, como acontece normalmente nos trabalhos do artista.

Talvez seja o uso da matéria crua a novidade da vez na obra de Marcus Vinícius, o não revestimento de tinta destes trabalhos de alumínio, e a série onde o que vemos na superfície é apenas o efeito de uma acidulação no vidro, e alguns poucos recortes de vinil adesivo. Sem revestimento, a cor apresentada é a cor da matéria usada.

Toda a composição dessas pinturas do artista parece se assemelhar muito mais a uma composição industrial, ou até arquitetônica. Não que não haja no trabalho uma inteligência de pintura. A cartela limitada de cores, que deveria ser fator limitante de resultados, é sabiamente contornada pelo artista através da combinação das cores, onde um amarelo se torna mais quente ou mais frio de acordo com a cor do elemento colocado ao seu lado. A questão é o encaixe, como em um desenho de planta baixa arquitetônica, não é admissível o vazio, toda a composição espacial dentro da estrutura quadro é organizada e ocupada. E deste modo, o trabalho revela sua feitura, um olhar mais atento é capaz de decifrar seus encaixes, suas diferenças de superfície, seu modo de construção.

Se o trabalho lida com o espaço, avançar para o espaço ele avança muito pouco, quase nada. Apenas os trabalhos das séries *Listrados* e *Arrimados*, onde vidros se apoiam sobre os quadros, ou se projetam apoiados em calhas das madeiras que compõe a superfície dos trabalhos, se desdobram para fora do retângulo ou quadrado do quadro. Ainda assim são vidros, avançam para o espaço, mas projetam a luz, o espectador, e o próprio espaço para dentro.

O espaço que interessa aqui é o espaço entre, existente entre superfície do trabalho e a parede, e o espaço criado na superfície da pintura de Marcus, todo fragmentado, e que busca através da ilusão um espaço pra dentro.

Texto de Douglas de Freitas para a exposição Estrutura Quadro: Revisão e Desdobramentos de Marcus Vinícius na Galeria Marcelo Guarnieri em 2014.

**“A cor das escolhas”
por Juliana Monachesi, 2006**

Esta exposição, necessário que se diga antes de tudo, é composta de quadros feitos com uma alegria contagiante. Escolho a palavra “quadro” em lugar de “pintura” para frisar a dimensão objetual das pinturas de Marcus Vinicius. E escolho a palavra “alegria” em vez de algum eufemismo que indique a mesma coisa –energia, emoção, potência– para sinalizar de cara que o projeto que anima estas obras é uma razão excitada. Marcus Vinicius pinta com uma lucidez delirante: por necessidade e por puro prazer.

Artista que já conta bons 15 anos de trajetória –em que, se por um lado mantém rígida coerência na pesquisa acerca dos elementos constitutivos do quadro, por outro vem sendo capaz de se reinventar e escapar com inteligência das ciladas armadas por ele próprio– Marcus Vinicius já foi “lido” como variante da abstração geométrica, como continuidade da tradição concretista brasileira, e até como herdeiro de um “expressionismo pop”.

Nenhuma destas matrizes basta para ler os trabalhos das três novas séries que o artista apresenta na Galeria Virgílio: “Expansivos”, “Hipnóticos” e “Horizontais” têm um intenso diálogo com o mundo e com a cor entendida como fenômeno cultural. Marcus Vinicius não mistura tintas. Trabalha com as mesmas tonalidades que tingem nossas roupas, carros e embalagens de sabão em pó e alia esta dimensão mundana e subjetiva da escolha de cores à complexidade das combinações possíveis desta que é a variável mais inconstante da lógica visual. As cores, em sua obra, são índice franco da experiência humana.

A mais feia de todas as cores, um cáqui esmaecido, ganha ares simpáticos na composição de um dos “Expansivos”. Um verde incômodo, que não tem muita saída na indústria porque “não cabe em lugar algum”, segundo o artista, encontra espaço entre um verde-água e um cinza, um pouco se escondendo, um pouco revelando as intenções mais íntimas do quadro. A escolha, em uma pintura, de tons naturalistas lastreáveis na experiência da paisagem paulistana contrasta com a eleição, na pintura ao lado, de cores mais afeitas à paisagem midiática.

Marcus Vinicius gosta de falar sobre a “química interna do quadro”. Cores deliberadas aplicadas sobre superfícies (madeira ou vidro) encaixadas que devolvem ao observador a opção por desvendar a intrincada montagem mental que levou a cabo a obra diante de seus olhos. Os “Hipnóticos” não têm pequenas dimensões por acaso: eles pedem uma aproximação para que os vértices e retas internas sejam desvelados e para que o jogo de espelhamento seja testado. Onde está a cor nestes quadros? No fundo, nas bordas, nas reentrâncias? E qual o papel do espelho que, conforme a cor de fundo, absorve mais ou menos do entorno do quadro?

Avesso às “coisas aderidas”, o artista intitula a série de quadros horizontais com esta mesma palavra, num jogo tautológico que faz pensar que os “Expansivos” têm alguma ousadia a mais. Têm mais expressão, mais brincadeira, têm diagonais que definitivamente não caberiam nos “Horizontais”, têm áreas de cor intensa espremidas por um retângulo branco que dão, no contexto contemporâneo, condições de existência a este branco absoluto. Marcus Vinicius é, afinal, um apaixonado pelos jogos cromáticos e formais que deixou, há muito, para trás, as amarras do cromatismo e do formalismo. Diverte-se e contagia o observador indelevelmente com sua joie de vivre.

Texto de Juliana Monachesi sobre a exposição “Hipnóticos,” “Expansivos” e “Horizontais” de Marcus Vinicius na Galeria Virgílio em 2006